

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



Anais

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama
da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
“Um olhar para o câncer de mama”



REMA

NÚCLEO DE ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA
NA REABILITAÇÃO DE MASTECTOMIZADAS

Local: Auditório da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Ribeirão Preto-SP
2014

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



FICHA CATALOGRÁFICA

I Simpósio de Câncer de Mama e V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP

Anais do I Simpósio de Câncer de Mama e V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP/ organizado por Ana Maria de Almeida e Marislei Sanches Panobianco. [Realização REMA e Liga de Prevenção e Combate ao Câncer da EERP/USP] Ribeirão Preto, 2014.

Disponível em: <http://www.eerp.usp.br/rema/index1.html>

1. Neoplasias mamárias. 2. Câncer. 3. Evento científico.
4. Enfermagem.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



Sumário

APRESENTAÇÃO	3
COMISSÃO ORGANIZADORA	4
REALIZAÇÃO	5
PROGRAMAÇÃO	6
RELAÇÃO DOS TRABALHOS PREMIADOS	8
RESUMOS DE TRABALHOS CIENTÍFICOS.....	9
ITINERÁRIO TERAPÊUTICO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA.....	9
ALOPECIA: UMA ETAPA NO COTIDIANO DA MULHER EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO	10
ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA ENFERMEIROS DE UMA UNIDADE HOSPITALAR GINECOLÓGICA	11
NEUTROPENIA INDUZIDA POR QUIMIOTERAPIA: OCORRÊNCIA E MANEJO EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA.....	12
QUALIDADE DE VIDA APÓS A MASTECTOMIA	13
QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÕES DE MULHERES MASTECTOMIZADAS	14
O CÂNCER COMO PONTO DE MUTAÇÃO: PODE A MORTE ENSINAR ALGO SOBRE A VIDA?	15
PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DE MULHERES JOVENS, CADASTRADAS EM UM SERVIÇO DE REABILITAÇÃO DE CÂNCER DE MAMA: 1989 (CRIAÇÃO DO SERVIÇO) A 2011	17
OCORRÊNCIA DE SÍNDROME DA MAMA FANTASMA PÓS MASTECTOMIA	18
A EXPERIÊNCIA DE ACOMETIMENTO PELO CÂNCER DE MAMA DE FREQUENTADORAS DE UM GRUPO DE REABILITAÇÃO	19
COMPREENSÃO ADAPTATIVA E PSICODINÂMICA DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA E MASTECTOMIZADAS	20
FEMININO DES-COBERTO: VIVÊNCIAS DE MULHERES APÓS O CÂNCER DE MAMA.....	21
ANÁLISE ESTABILOMÉTRICA DE MULHERES PÓS CIRURGIA ONCOLÓGICA MAMÁRIA	23
ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA SOBREVIVÊNCIA EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM REMISSÃO HÁ MAIS DE CINCO ANOS.....	24

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



QUALIDADE DE VIDA E VIDA SEXUAL DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	25
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE PÓS-MASTECTOMIZADAS ATENDIDAS EM AMBULATÓRIO DE MASTOLOGIA	27
APOIO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES E COMPANHEIROS DA MULHER COM NEOPLASIA MAMÁRIA: ANÁLISE DOS ESTUDOS BRASILEIROS	28
CÂNCER DE MAMA E GRUPOS DE APOIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	30
PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM NA ALOPECIA DA MULHER COM CÂNCER DE MAMA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	31
FADIGA EM MULHERES COM NEOPLASIA MAMÁRIA DURANTE QUIMIOTERAPIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA	32
CONSEQUÊNCIAS DA MASTECTOMIA NA SEXUALIDADE DA MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA	33
ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A REABILITAÇÃO DE MULHERES MASTECTOMIZADAS	34
A CONCEPÇÃO PSICOSSOMÁTICA DA DOENÇA PELA ÓTICA DE SEU PRECURSOR	35
SEXUALIDADE FEMININA: UMA APROXIMAÇÃO AO UNIVERSO DA MULHER MASTECTOMIZADA	37
O AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DE MULHERES APÓS O CÂNCER DE MAMA	39
ESTRESSE PSICOLÓGICO DA MULHER COM CÂNCER DE MAMA	41
MASTECTOMIA E QUALIDADE DE VIDA: O QUE SABEMOS A RESPEITO?	42
FOLHETOS SOBRE QUIMIOTERAPIA ANTINEOPLÁSICA: ANÁLISE DE NECESSIDADES PARA MULHERES COM CÂNCER DE MAMA	44
IDENTIFICANDO CAMINHOS EM BUSCA DA CURA: UM OLHAR SOB O INTINERÁRIO TERAPÊUTICO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA ..	45
HOMENS E CÂNCER DE MAMA: É PRECISO REDUZIR A INVISIBILIDADE	46
GRUPO DE APOIO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À MULHER COM CÂNCER DE MAMA	47
MÁS NOTÍCIAS NA PRIMEIRA SESSÃO DE QUIMIOTERAPIA PARA O CÂNCER DE MAMA	48

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



APRESENTAÇÃO

O Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA – do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, fundado em 1989, conta com uma equipe multiprofissional que presta atendimento às mulheres mastectomizadas, com o objetivo de proporcionar uma assistência integral, incluindo a reabilitação física, emocional e psicossocial.

O REMA tem como um dos seus objetivos a formação de recursos humanos na reabilitação de mastectomizadas e tem oferecidos cursos e realizado jornadas nesta área desde a sua organização. A primeira jornada organizada foi em 1994, “I Jornada de Assistência à Mulher com Câncer de Mama”. Hoje, as jornadas já fazem parte do nosso calendário. Neste ano de 2014, em que comemoramos os 25 anos de organização do REMA, decidimos ampliar o escopo do evento, realizando o **I Simpósio de Câncer de Mama** da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, juntamente com a **V Jornada de Câncer de Mama**.

A realização desse evento conta também com a participação da Liga de Prevenção e Combate ao Câncer - LPCC - da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, fundada em 1998. A LPCC é uma entidade civil, sem fins lucrativos, constituída por profissionais e acadêmicos da área da saúde, com os objetivos de promover a prevenção, o ensino e a pesquisa em “câncer”, em Ribeirão Preto e sua região administrativa.

Contamos com o apoio do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública e do Programa de Pós-graduação Enfermagem em Saúde Pública da EERP-USP, não só nesse evento, mas também sempre dando suporte para o desenvolvimento das atividades do REMA.

Os trabalhos, apresentados em forma de pôster durante o evento, estão aqui compilados com seus respectivos resumos.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



COMISSÃO ORGANIZADORA

Ana Maria de Almeida

Andressa Nogueira Manfredi

Andreza Leoncio Rodrigues

Carina Carlucci Palazzzo

Elaine Caldeira de Oliveira Guirro

Everton Bronzi Durante

Fabiana Cristina dos Santos

Leonardo Yoshimochi

Ligia Ayres de Souza

Lóris Aparecida Prado da Cruz

Luis Felipe de Melo Bougleux

Manoel Antônio dos Santos

Maria Antonieta Spinoso Prado

Mariana Lopes Borges

Marislei Sanches Panobianco

Paola Alexandria Pinto de Magalhães

Renner Henrique de Barros E Souza

Simone Mara de Araújo Ferreira

Thais De Oliveira Gozzzo

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



REALIZAÇÃO



REMA
NÚCLEO DE ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA
NA REABILITAÇÃO DE MASTECTOMIZADAS



Apoio:



Programa de Pós-graduação em Enfermagem em Saúde Pública

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



PROGRAMAÇÃO

Quinta-feira - noite

18:30h - Inscrições novas e recepção

19:00h - Abertura

19:30h - Conferência de abertura: **REMA: nossas raízes** – Marli Villela Mamede -
Universidade de São Paulo – EERP/USP

20:30h - – Palestra: **Cuidando de mulheres com câncer de mama: a experiência do
REMA** – Maria Antonieta Spinoso Prado – Universidade de São Paulo- EERP/USP

21:30h - **Coffee End**

Sexta-feira

8:30h - Mesa redonda: **Qualidade de vida no câncer de mama**

- **Tratamentos e qualidade de vida** – Franklin Fernandes Pimentel – Universidade de
São Paulo FMRP/USP

- **Aspectos físicos: limitação/dor** – Elaine Caldeira de Oliveira Guirro - Universidade de
São Paulo FMRP/USP

- **Aspectos da capacidade funcional (atividades diárias, lazer)** – Leticia Meda
Vendrusculo Fangel - Universidade de Brasília – Terapia Ocupacional

10:00h - Debate

10:30h - Intervalo

11:00h - Conferência - **Aspectos e emocionais e espirituais da mulher com câncer de
mama** – Maria Júlia Kovács - Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia

14:00h - Mesa Redonda: **Cuidando do cuidador profissional**

- **Angústia do profissional de saúde ao atender a mulher com câncer de mama** -
Manoel Antônio dos Santos - Universidade de São Paulo - FFCLRP/USP

- **Cuidando do profissional de saúde** - Maria Júlia Kovács – Universidade de São Paulo,
Instituto de Psicologia

15:30h - Intervalo

-16:00h

Conferência: **A genética e epigenética do câncer de mama** - Marcelo Razera Baruffi -
Universidade Estadual Paulista - UNESP

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



17-18h - **Visitação e debate dos trabalhos apresentados em forma de poster**

Sábado

8:30h – Conferência: **Rastreamento e detecção precoce do câncer de mama no Brasil**

- Jacó Saraiva de Castro Mattos - Hospital do Câncer de Barretos - Fundação Pio XII

9:30h - Conferência: **Aspectos psicológicos dos cuidadores familiares de mulheres com câncer de mama** - Vera Lúcia Rezende - UNICAMP

10:30h - Intervalo

11:00h - Conferência de encerramento: **25 anos depois: E agora?** Ana Maria de Almeida - Universidade de São Paulo- EERP/USP

12:00h - Premiação dos melhores trabalhos

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



RELAÇÃO DOS TRABALHOS PREMIADOS

Primeiro lugar: A CONCEPÇÃO PSICOSSOMÁTICA DA DOENÇA PELA ÓTICA DE SEU PRECURSOR

Autores: Leonardo de Moura Freitas, Manoel Antônio dos Santos

Segundo lugar: QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÕES DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

Autores: Natália Gondim de Almeida; Ana Virgínia de Melo Fialho; Ana Karina Bezerra Pinheiro; Thereza Maria Magalhães Moreira; Dafne Paiva Rodrigues; Juliana Vieira Figueiredo

Terceiro lugar: ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA SOBREVIVÊNCIA EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM REMISSÃO HÁ MAIS DE CINCO ANOS

Autores: Janaína de Fátima Vidotti, Fabio Scorsolini-Comin, Manoel Antônio dos Santos

Terceiro lugar: NEUTROPENIA INDUZIDA POR QUIMIOTERAPIA: OCORRÊNCIA E MANEJO EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA.

Autores: Talita Garcia do Nascimento; Milena de Almeida Giacon, Marceila de Andrade; Rosimeire Aparecida de Oliveira; Ana Maria de Almeida; Thais de Oliveira Gozço.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



RESUMOS DE TRABALHOS CIENTÍFICOS

ITINERÁRIO TERAPÊUTICO DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Marina Bavaresco¹; Elisa Maria Resende Dázio²; Clícia Valim Côrtes Gradim³

Introdução: O itinerário percorrido pelas mulheres até a descoberta do câncer é caracterizado como um tempo bastante particular em suas vidas, e deve ser valorizado, pois influenciará o tratamento e conseqüentemente o prognóstico da doença. **Objetivo:** Conhecer o itinerário terapêutico das mulheres com diagnóstico de câncer de mama. **Método:** Pesquisa qualitativa que utilizou a análise de conteúdo de Bardin para discussão. Os dados foram coletados por meio de entrevista gravada tendo como questão norteadora Conte-me como descobriu o câncer e como chegou ao tratamento? O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética, sobre o parecer nº 69654. **Resultados e Discussão:** Participaram do estudo nove mulheres com diagnóstico de câncer de mama de um município do Sul de Minas Gerais. Das entrevistas emergiram três categorias: 1: A descoberta do câncer; 2: Tratando o câncer de mama; 3: Sentimentos que o câncer desperta. Verificamos que várias são as formas de identificação do nódulo, neste estudo a mamografia de rotina se mostrou mais predominante. Além disso, ficou evidente que o limite de tempo para o diagnóstico vem sendo respeitado. Em relação ao início do tratamento, em geral, este aconteceu em 30 dias. Podemos perceber que a primeira etapa do tratamento ainda é cirúrgica, porém, com o passar dos anos esta modalidade terapêutica tem se tornado menos traumática. Notamos que diante do diagnóstico o sentimento relacionado à finitude é despertado. Além disso, durante esse percurso, o apoio familiar e a fé, tornam-se fundamentais. **Considerações Finais:** Observamos que a mulher utilizou o Sistema Único de Saúde e que o tratamento iniciou-se em 30 dias. É essencial que a enfermagem conheça o itinerário que a mulher utiliza para auxiliá-la no planejamento da assistência ao câncer.

¹ Enfermeira. Membro do Programa de ensino Tutorial da Universidade Federal de Alfenas-MG.

² Professora Adjunta da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG

³ Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG. E-mail: clicia.gradim@unifal-mg.edu.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ALOPECIA: UMA ETAPA NO COTIDIANO DA MULHER EM TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO

Ana Paula Alonso Reis¹; Clícia Valim Côrtes Gradim²

INTRODUÇÃO: A alopecia é uma manifestação adversa cutânea comum do tratamento quimioterápico. Ocorre após uma a duas semanas depois do início do mesmo, não é uma reação adversa **cl clinicamente** importante, mas pode gerar repercussões significativas para a pessoa, trazendo sofrimento, alterando as relações interpessoais e a vida social, pois interfere na imagem corporal. **Objetivo:** Conhecer o significado da alopecia em mulheres com câncer de mama, em tratamento quimioterápico. **Método:** Estudo qualitativo, que utilizou a Teoria Fundamentada em Dados como referencial metodológico. Os dados foram coletados no Hospital Regional do Câncer de Passos, em janeiro/2014, com mulheres que tiveram câncer de mama, realizavam tratamento quimioterápico adjuvante, apresentavam alopecia como manifestação adversa, não estivessem na primeira sessão de quimioterapia e nem em tratamento paliativo. A coleta ocorreu através de entrevista gravada tendo como pergunta norteadora “Como foi para você a queda do cabelo e dos pelos durante o tratamento?”. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa UNIFAL (Parecer nº 478.376). **Resultados:** Amostra inicial composta por 16 mulheres, e a final, por 13. Dados parciais demonstram idade média das 13 mulheres de 49,4 anos, quanto a classificação do tumor 10 (76,92%) apresentaram estadió II e 03 (23,07%) o estadió III e 92,3 % realizaram mais de 3 sessões de quimioterapia e apresentaram alopecia após a primeira sessão. A primeira análise emerge três categorias: tratamento do câncer (doença, apoio, filhos, família); segunda, efeito da quimioterapia (alopecia, lenços, vaidade, sociedade, hospital); terceira, convivendo com a doença (experiências anteriores e fé). Geração de dados para análise não concluída. **Considerações Finais:** É necessário conhecer os sentimentos e situações vivenciadas pelo paciente em quimioterapia para que a enfermagem possa estimular o autocuidado e firmar a autoestima da mulher.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Enfermagem da UNIFAL-MG. Linha de Pesquisa: Enfermagem e Saúde Materno-Infantil. Enfermeira atuante em Centro de Referência a Saúde da Mulher, Guaxupé-MG. E-mail: apareis@bol.com.br.

² Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Escola de Enfermagem - UNIFAL-MG. E-mail: clicia.gradim@unifal-mg.edu.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ESTRATÉGIAS DE EDUCAÇÃO PERMANENTE PARA ENFERMEIROS DE UMA UNIDADE HOSPITALAR GINECOLÓGICA

Fabiana Cristina dos Santos¹; Silvia Helena Henriques Camelo²

Introdução: A educação dos profissionais da saúde, especialmente da enfermagem, merece atenção, para que possam acompanhar as rápidas transformações que ocorrem no mundo do trabalho, no qual precisam conciliar as necessidades de desenvolvimento pessoal com aquelas necessárias ao desempenho efetivo do seu trabalho. O enfermeiro, atuando em uma unidade oncológica, enquanto responsável pelo gerenciamento do cuidado, deve adotar estratégias de educação permanente para a organização da unidade, autonomia da equipe e assistência qualificada prestada as mulheres com câncer ginecológico. A educação permanente é compreendida como a constante busca pelo aprender, como uma das ações que possibilita o desenvolvimento do processo de mudança e que visa à qualificação profissional da equipe de enfermagem e conseqüentemente à realização da prática profissional competente, consciente e responsável¹. **Objetivo:** Identificar as estratégias de educação permanente desenvolvidas pelos enfermeiros atuantes em unidades hospitalares ginecológicas. **Metodologia:** Trata-se de um estudo exploratório, qualitativo, tendo como desenho metodológico o estudo de caso múltiplo, considerado um método de pesquisa de natureza empírica que investiga um fenômeno, geralmente contemporâneo, dentro de um contexto real, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto em que ele se insere não são claramente definidas². Esta investigação foi realizada em uma unidade hospitalar ginecológica de um Hospital de Ensino e a população foram seis enfermeiros destas unidades. Para a coleta de dados utilizamos a observação direta, estruturada, não participante e entrevistas semiestruturadas. **Resultados:** A análise dos dados foi realizada por meio do método de análise de conteúdo e identificada duas categorias: 1. Perfil social, formação acadêmica e capacitação do enfermeiro para atuar em unidade hospitalar ginecológica; 2. Estratégias de educação permanente utilizadas pelo enfermeiro junto a equipe de enfermagem. **Conclusão:** Este estudo permitiu visualizar as limitações e facilitações marcantes dentro da equipe e as estratégias de ensino atualizadas pelo enfermeiro neste setor.

Referências:

1. Paschoal AS; Mantovani MF; Lacerda MR. A educação permanente em enfermagem: subsídios para a prática profissional. Rev Gaúcha Enferm, 2006, 27(3): 336-43.
2. Yin RK. Estudo de caso: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman, 2005.

¹ Graduanda da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo. Bolsista Fapesp. E-mail: fabiana.santos@usp.br

² Professora, Doutora do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto- Universidade de São Paulo. E-mail: shcamelo@eerp.usp.br.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



NEUTROPENIA INDUZIDA POR QUIMIOTERAPIA: OCORRÊNCIA E MANEJO EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Talita Garcia do Nascimento¹; Milena de Almeida Giaccon²; Marceila de Andrade³; Rosimeire Aparecida de Oliveira⁴; Ana Maria de Almeida⁵; Thais de Oliveira Gozzo⁶.

Introdução: Neutropenia induzida por quimioterapia é a redução do número de neutrófilos circulantes causado pela administração de quimioterapia mielotóxica. Representa a maior interferência na dosagem dos quimioterápicos e sua ocorrência está associada ao aumento da mortalidade, morbidade e custos do tratamento, sendo impossível prever quais pacientes irão apresentá-la. O manejo deste evento adverso (EA) é administrado de diferentes formas na prática clínica e reduções na dose e atrasos entre os ciclos são comuns durante o tratamento de pacientes com câncer primário de mama. **Objetivo:** Analisar a ocorrência e avaliar o manejo de neutropenia induzida por quimioterapia entre mulheres com câncer de mama. **Método:** Estudo prospectivo realizado no Ambulatório de Mastologia do HCFMRP – USP no período de Abril de 2009 a Março de 2010 avaliou a neutropenia induzida por quimioterapia a cada ciclo do tratamento através dos hemogramas das participantes e como foi o manejo deste EA. **Resultados:** Foram incluídas 79 mulheres no estudo e realizou-se 277 ciclos de quimioterapia. Foi possível registrar 116 eventos neutropênicos, sendo que 63.3% das pacientes apresentaram neutropenia em algum momento do tratamento e em 46.5% foi observado neutropenia grau II. A neutropenia foi responsável pela suspensão do tratamento em 86 ciclos dos protocolos de quimioterapia utilizados (EC-T/ EC-TH e FEC/EC). O manejo para 100% das pacientes com neutropenia foi à suspensão dos ciclos (média de 6.3 dias) o principal motivo para a ocorrência de atrasos seguido pela falta de vaga na central de quimioterapia. **Conclusão:** A neutropenia é um grave e comum EA observado durante a quimioterapia. A enfermagem oncológica deve proporcionar segurança ao paciente durante o tratamento aumentando sua expectativa de vida com qualidade, cuidando do mesmo em sua totalidade e investindo em pesquisa sobre este EA e em estratégias de gestão que organizem o sistema público de saúde oferecendo assistência de qualidade.

¹ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem em Saúde Pública EERP/USP. E-mail: talitagarcia@usp.br.

² Enfermeira. Especialista em Enfermagem Oncológica pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) e Enfermeira de Pesquisa na Unidade de Pesquisa Clínica do Hospital do Câncer de Barretos.

³ Enfermeira, Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação de Enfermagem em Saúde Pública EERP/USP

⁴ Enfermeira, Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação de Enfermagem em Saúde Pública EERP/USP

⁵ Enfermeira Doutora em Enfermagem, Professor Associado da EERP/ USP

⁶ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Professor Doutor da EERP/USP

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



QUALIDADE DE VIDA APÓS A MASTECTOMIA

Ludmila Gonçalves Perruci¹; Marysia Mara Rodrigues do Prado De Carlo²

Introdução: O câncer de mama (CM) é o segundo tipo mais frequente no mundo e o mais comum entre as mulheres. **Objetivo:** Analisar como as mulheres com CM avaliam sua qualidade de vida (QV). **Método:** Estudo qualitativo descritivo, através de uma entrevista, baseada num questionário semiestruturado. A casuística foi composta por 11 mulheres, acima de 45 anos, com diagnóstico oncológico, submetidas à mastectomia e que frequentaram um grupo de apoio. A seleção dos sujeitos foi feita a partir dos dados coletados em estudo anterior, priorizando as que apresentaram os escores mais baixos através da escala *FACT-B*. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do HCFMRP-USP (Processo HCRP 12351/2012). Os dados coletados foram transcritos, categorizados em unidades temáticas e analisados de acordo com a metodologia de análise de conteúdo temático. **Resultados e Discussão:** 100% das mulheres apontaram alterações funcionais após a mastectomia, dificuldades em relação às atividades de vida diária e de vida prática (dificuldade em lavar e estender as roupas, limpar a casa, fazer compras, cozinhar e pegar objetos acima do ombro). Entretanto, também indicaram que puderam construir formas de reorganizar sua vida ocupacional: dividir as tarefas domésticas ao longo da semana, aprender atividades novas e participação dos familiares nas atividades. Em relação ao processo doloroso, buscaram realizar atividades que permitiam a “distração” (entendida como processo de deslocar a atenção do processo doloroso para uma atividade significativa) para lidar melhor e suportar a dor: mexer com plantas, ouvir músicas e orações. Já no processo doloroso, do ponto de vista psicológico, a aceitação do diagnóstico e a presença da espiritualidade contribuíram para a melhora de sua QV. **Conclusão:** ocorreram alterações na QV e funcionalidade após a mastectomia, mas a reorganização ocupacional e enfrentamento dos processos dolorosos físicos e psicológicos contribuíram para a melhora da QV após a mastectomia.

¹ Discente do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP. E-mail: ludmilagp@hotmail.com

² Docente do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e do Programa de Pós-graduação de Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem em Saúde Pública – ambas da USP.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



QUALIDADE DE VIDA: PERCEPÇÕES DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

Natália Gondim de Almeida¹; Ana Virgínia de Melo Fialho²; Ana Karina Bezerra Pinheiro³;
Thereza Maria Magalhães Moreira⁴; Dafne Paiva Rodrigues⁵; Juliana Vieira Figueredo⁶

Introdução: A população feminina mundial tem o câncer de mama como maior incidente, excetuando-se os casos de câncer de pele não melanoma. A magnitude do adoecimento e a forma de tratamento podem comprometer, em vários aspectos, as condições e o modo de viver. A mulher com câncer torna-se vulnerável quanto a sua saúde, podendo ter sua Qualidade de Vida (QV) prejudicada. **Objetivo:** Descrever a percepção do que seja QV para mulheres mastectomizadas. **Método:** Pesquisa descritiva realizada no Ambulatório de Mastologia da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand (MEAC), Fortaleza/CE. Participaram do estudo 21 mulheres, durante os meses de junho a setembro de 2013. Utilizou para coleta um roteiro semiestruturado. O método de análise foi baseado na Análise Temática. O estudo teve parecer favorável nº 310.165 pelo comitê de ética e pesquisa da MEAC e 399.467 pelo Comitê de ética e pesquisa da Universidade Estadual do Ceará. **Resultados:** Diante da individualidade, complexidade, multidimensionalidade e subjetividade que o significado acerca da QV representa para cada população específica, e a partir dos relatos, tornou-se possível observar distintas interpretações a cerca do conceito de QV. As subunidades que emergiram foram “saúde”, “alimentação” saudável, “paz”, “espiritualidade”, “viver bem”, “condições de saúde”, “trabalho”, “moradia” e “atividade física”. **Conclusão:** Para as mulheres mastectomizadas entrevistadas a QV tem relação a ter “saúde”, como aludido pela a maioria. Percebe-se que as condições de vida sofrem influencia das condições de saúde, logo para ela ter saúde estaria muito atrelado a ter QV. Não obstante apenas a saúde também está vinculada a ter uma “alimentação” saudável, já que esta relacionada com a predisposição do desenvolvimento de doenças crônico degenerativas, como o câncer de mama. Acredita-se que ao revelar as características e contradições que permeiam a QV e a mulher mastectomizada, permita-se melhorar as condições vivenciadas durante o processo de tratamento para mastectomizadas.

¹ Enfermeira. Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. E-mail: natygondim@gmail.com

² Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

³ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará.

⁴ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

⁵ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

⁶ Enfermeira. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



**O CÂNCER COMO PONTO DE MUTAÇÃO: PODE A MORTE
ENSINAR ALGO SOBRE A VIDA?**

Manoel Antônio dos Santos¹, Leonardo Moura Freitas²

O câncer constitui um dos maiores desafios para a área da saúde pública. Apesar dos avanços obtidos no diagnóstico e no tratamento nas últimas décadas, ainda hoje carrega forte estigma social. O câncer de mama é, provavelmente, o que mais amedronta as mulheres, tanto por sua alta prevalência, como pelos efeitos psicológicos e físicos que acarreta. A doença produz alterações importantes na vida da paciente, que se estendem desde cicatrizes físicas a marcas psíquicas indelévels. A questão que motivou a presente pesquisa pode ser formulada da seguinte maneira: ao proporcionar o contato com a possibilidade da finitude, o câncer de mama poderia potencializar transformações positivas nas concepções que as pacientes acometidas têm sobre o processo vida-morte? Diante deste cenário, o presente estudo tem por objetivo investigar a concepção de morte de mulheres sobreviventes ao câncer de mama e se ela se modificou, tendo em vista a experiência da doença, do tratamento e do confronto com a possibilidade da própria finitude. O estudo foi realizado com base no enfoque metodológico qualitativo. Foram investigadas mulheres cadastradas em um serviço de reabilitação psicossocial para mastectomizadas que foram submetidas à cirurgia há pelo menos cinco anos. Para alcançar o objetivo proposto foi utilizada a Fenomenologia como referencial teórico-metodológico de pesquisa qualitativa. Foram realizadas 10 entrevistas individuais, audiogravadas mediante o consentimento das colaboradoras, desenvolvidas a partir de uma questão norteadora: *Conte-me sobre como foi, para você, ter passado pela experiência do câncer de mama.* Nosso estudo apontou que, do ponto de vista das mulheres acometidas, há um relato recorrente que expressa a vivência do câncer como marco divisório em suas vidas. A experiência da doença é vivenciada como uma experiência transformadora, que se estende muito além dos aspectos meramente biomédicos e alcança camadas profundas da psique. Essa experiência desencadeia uma confrontação direta com a própria finitude e, nesse sentido, a percepção da possibilidade da morte se configura como uma experiência eminentemente individual e que, por isso, deve ser considerada a partir da percepção

¹ Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). Membro da equipe multiprofissional do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

² Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP, processo número 2013/05286-0. Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). Ex-bolsista de Iniciação Científica da FAPESP, processo número 2010/08724-0. E-mail: leomf.hot@gmail.com

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



subjetiva de cada paciente oncológico. Diante desse cenário, o presente estudo oferece evidências que endossam a importância de se investigarem as possíveis mudanças operadas na concepção de vida e de morte de mulheres sobreviventes ao câncer de mama, tendo em vista a experiência da doença, do tratamento e do confronto com a própria condição humana e seu caráter transitório. (FAPESP)

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



**PREVALÊNCIA E CARACTERIZAÇÃO DE MULHERES JOVENS,
CADASTRADAS EM UM SERVIÇO DE REABILITAÇÃO DE CÂNCER
DE MAMA: 1989 (CRIAÇÃO DO SERVIÇO) A 2011**

Marislei Sanches Panobianco¹; Everton Bronzi Durante²; Laís Virginia Celtron³; Paola Alexandria Pinto de Magalhães⁴; Maria Antonieta Spinoso Prado⁵

O objetivo deste estudo descritivo, quantitativo e exploratório foi identificar a prevalência e caracterizar as mulheres jovens com câncer de mama (CM), cadastradas em um serviço de reabilitação de mastectomizadas, entre os anos de 1989 (criação do núcleo) e 2011. Entre novembro a dezembro de 2012 foram consultados dados das 164 mulheres cadastradas no serviço, com idade entre 18 e 40 anos quando diagnosticadas com CM. Primeiramente identificou-se a prevalência e após, procedeu-se à caracterização dessas mulheres. Os dados foram anotados em um formulário e posteriormente foram transportados a uma planilha do programa Excell da Microsoft. Após a consolidação dos dados foi utilizado o programa EpiInfo do Windows, versão 2000 e foi realizada uma análise estatística descritiva. A maioria das participantes era casada (107; 65,2%) e exercia uma ocupação remunerada (106; 64,6%). Grande parte delas (48; 29,3%) apresentava o ensino fundamental incompleto. Em relação à idade ao diagnóstico, 129 (78,7%) tinham entre 33 e 40 anos. Consta no banco de dados que 31 mulheres (18,9%) apresentaram a menarca aos 11 anos. A idade na primeira gestação foi entre 15 e 25 anos para grande parte das mulheres (102; 62,2%); 85 (51,8%) apresentaram de duas a três gestações; 118 mulheres (72%) amamentaram seus filhos, sendo que a somatória do tempo de amamentação foi bastante variada, ou seja, de alguns meses a vários anos. No que se refere ao tipo de alimentação: 50% não consumiam fritura, 56,7% não consumiam carne suína e derivados e 64% não consumiam enlatados. A maior parte delas [150 mulheres (91%)] não tinha outra doença crônica associada. 16 (9,8%) apresentavam história de câncer de mama em parentes de primeiro grau. Os resultados oferecem parâmetros para que a equipe de enfermagem possa conhecer dados que caracterizem as mulheres jovens com câncer de mama e possam focar a sua assistência e atuar de maneira mais efetiva na prevenção e controle do CM, especialmente dessas mulheres.

Palavras-chave: Câncer de mama; Mulheres jovens; Mastectomizadas.

¹ Professora Doutora do Departamento Maternidade Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: marislei@eerp.usp.br

² Everton Bronzi Durante. Graduando do nono período do curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. E-mail: evertonbronzid@hotmail.com

³ Enfermeira – E-mail: lais_celtron@yahoo.com.br

⁴ Enfermeira Doutoranda do Departamento Maternidade Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

⁵ Enfermeira responsável pelo Núcleo de Ensino Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



OCORRÊNCIA DE SÍNDROME DA MAMA FANTASMA PÓS MASTECTOMIA

Lóris Aparecida Prado da Cruz¹, Janaína Barboza², Paula Batista Luize³

Introdução: As sensações fantasmas ocorrem em pacientes que realizaram a amputação de um membro ou parte do corpo e que possuem uma sensação de tecido residual. Tais sensações, em casos de mastectomias, são denominadas de sensações de mama fantasma (SMF) e constituem-se em peso, formigamento, prurido, queimação e pressão que se manifestam de forma persistente. O aparecimento de dor é chamada de dor na mama fantasma (DMF) e a síndrome da mama fantasma (SdMF) ocorre quando há o surgimento simultâneo de dor e das sensações fantasmas. **Objetivos:** Identificar a ocorrência de síndrome da mama fantasma em mulheres submetidas à mastectomia. Identificar as características clínicas e o período de ocorrência da SdMF após a cirurgia. Identificar a prevalência, o tipo, a localização, o período e as características das sensações e da dor fantasma. **Método:** Estudo realizado no Hospital de Câncer de Barretos após a aprovação do Comitê de Ética (Protocolo nº688/2013). A coleta de dados ocorreu de março a agosto de 2013 e foram incluídas no estudo as mulheres que foram submetidas a mastectomia há até 1 (um) ano da entrevista. Foi aplicado um formulário contendo os dados de identificação, dados da doença e tratamento. Foi avaliada a ocorrência de sensações fantasmas, dor na mama fantasma e síndrome da mama fantasma. **Resultados:** Participaram 71 mulheres entre 34 anos a 76 anos. A SMF foi presente em 24 (33,8%) mulheres, 4 (5,6%) referem DMF, 4 (5,6%) a SdMF e 2 (2,8%) alegam que tais situações acarretaram mudança em suas atividades de vida diária, como prejuízo na qualidade do sono. **Conclusões:** Pode-se observar que a ocorrência de síndrome da mama fantasma merece destaque no planejamento do cuidado de enfermagem, pois é uma complicação pouco conhecida pelos profissionais de saúde e pelas próprias mulheres mastectomizadas podendo gerar desconfortos e prejuízo do autocuidado.

¹ Enfermeira, Mestranda do programa Enfermagem em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto, SP, Brasil. Email: loris.pradodacruz@gmail.com

² Enfermeira, Residente pelo Programa de Residência Multiprofissional em Atenção Básica da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. São José do Rio Preto, SP, Brasil.

³ Enfermeira, Coordenadora do Programa de Residência Multiprofissional em Oncologia da Fundação Pio XII – Hospital de Câncer de Barretos. Barretos, SP, Brasil.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



A EXPERIÊNCIA DE ACOMETIMENTO PELO CÂNCER DE MAMA DE FREQUENTADORAS DE UM GRUPO DE REABILITAÇÃO

Daniela Barsotti Santos¹ e Elisabeth Meloni Vieira²

Introdução: O adoecimento pelo câncer de mama é um fenômeno multidimensional que envolve fatores físicos, psicológicos, sociais e culturais. Mulheres acometidas passam por reflexões e questionamentos sobre a vida pregressa e futura que afetarão diretamente seu modo de vida e conduta em relação à própria saúde. **Objetivos:** Compreender a experiência do acometimento pelo câncer de mama a partir dos relatos de frequentadoras de um serviço de reabilitação. **Método:** Trata-se de um estudo qualitativo no qual foram realizadas entrevistas individuais com roteiro semiestruturado, grupos focais e atividade grupal temática. O material foi audiogravado, transcrito integralmente, categorizado e analisado segundo conteúdo temático. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da EERP-USP. **Resultados:** Participaram 36 mulheres entre 36 e 76 anos. Foram delimitadas as seguintes categorias: 1. Origens do câncer: etiologias que misturam elementos do saber médico e popular com a integração de aspectos como estresse, hormônios, má alimentação, condição socioeconômica, histórico familiar, ea doença produzida pela tristeza, por uma queda, ou como enfermidade desenvolvida espontaneamente; 2. A pessoa com câncer: opiniões divididas em antes e depois. Antes da doença, a pessoa acometida era vista com indiferença ou como alguém que vivencia sofrimento, dor e morte; após o câncer a pessoa é considerada portadora de uma doença crônica; 3. Percepção de si antes e após o adoecimento: período de reflexão que proporcionou abertura para novas experiências de vida e relações, com a ideia de vida melhor após o acometimento. **Considerações Finais:** O entendimento sobre como concepções socioculturais estão implicadas na experiência subjetiva do adoecimento pelo câncer de mama proporciona aos profissionais de saúde subsídios para auxiliar mulheres na superação do câncer enquanto evento traumático. **Palavras-chave:** neoplasias da mama, aspectos psicossociais, ajustamento psicológico

¹ Psicóloga, pós-doutoranda do Departamento de Medicina Social da FMRP-USP, E-mail: danibarsotti@usp.br

² Médica, docente do Programa de Pós-graduação em Saúde na Comunidade da FMRP-USP.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



COMPREENSÃO ADAPTATIVA E PSICODINÂMICA DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA E MASTECTOMIZADAS

Nirã dos Santos Valentim¹; Kayoko Yamamoto²

Introdução: O diagnóstico e o tratamento do câncer de mama mobilizam grande angústia nas pacientes por associar-se ao medo da morte e da mutilação, alterações na imagem corporal com implicações na feminilidade e autoestima. **Objetivo:** Verificar a eficácia adaptativa e aspectos psicodinâmicos de mulheres com câncer de mama e mastectomizadas. **Método:** Foi aplicada a Escala Diagnóstica Adaptativa Operacionalizada (EDAO), antes de intervenção terapêutica, em 12 casos iniciais de uma pesquisa clínico-qualitativa. Este material é parte do Doutorado em andamento realizado no Instituto de Psicologia da USP, aprovado pelo CEP-HU/USP sob o nº 76403 e tem por finalidade investigar a eficácia terapêutica da Psicoterapia Breve Operacionalizada (PBO) no atendimento de mulheres com câncer de mama. As participantes foram atendidas em ambulatório de oncologia da Grande São Paulo, têm idade entre 30 e 65 anos e foram submetidas a entrevistas preventivas abordando os quatro setores adaptativos: Afetivo-Relacional, Produtividade, Sociocultural e Orgânico. **Resultados:** Na avaliação adaptativa nove pacientes estavam no Grupo 4 em Adaptação Ineficaz Severa, duas no Grupo 3 com Adaptação Ineficaz Moderada e uma com Adaptação Ineficaz Leve; e sete delas estavam em crise adaptativa por perda. A compreensão psicodinâmica revelou pacientes com angústias persecutórias relacionadas ao câncer, mastectomia e quimioterapia. Pode ser identificada uma ferida narcísica, deflagrada pela ruptura da idealização da imortalidade de si mesma e a decepção com o corpo representado como onipotente. **Considerações Finais:** A maior parte das mulheres apresentou Adaptação Ineficaz Severa, com comprometimento no setor Orgânico e implicações no setor Afetivo-Relacional e Produtividade. A situação de adoecimento provocou sofrimento psíquico intenso, sensação de desamparo e desespero associados à situação de crise adaptativa por perda, além de extrema angústia pela perda da saúde, dos cabelos e da mama provocando sensação de estranhamento de si mesmas, medo da recidiva da doença e medo da morte.

¹ Doutoranda no Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), bolsista CAPES. Email: niravalentim@usp.br

² Prof^a Dr^a do Departamento de Psicologia Clínica do IPUSP, coordenadora do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica da Universidade Paulista (UNIP), orientadora do presente trabalho.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



FEMININO DES-COBERTO: VIVÊNCIAS DE MULHERES APÓS O CÂNCER DE MAMA

Lilian Cláudia Ulian Junqueira¹; Elizabeth Meloni Vieira²; Daniela Barsotti Santos³; Manoel Antônio dos Santos⁴

Introdução: O câncer é um evento que traz perplexidade diante do medo da dor, sofrimento e morte. A trajetória biográfica da pessoa é alterada, temporariamente, pelo seguimento de uma rotina de tratamentos que originam sequelas físicas e psicossociais.

Objetivo: Compreender as vivências dos papéis femininos pelas mulheres após o câncer de mama, por meio dos diálogos mantidos no grupo de apoio de um serviço de reabilitação de mastectomizadas. **Método:** A Pesquisa qualitativa fundamentou-se no referencial teórico-metodológico da Fenomenologia Existencial de Martin Heidegger. Foram analisadas as convergências das falas das mulheres produzidas ao longo de oito encontros grupais.

Resultados: Foram obtidas cinco categorias temáticas: 1) Redescobrir-se mulher após o câncer: a experiência de feminilidade nos cuidados com a aparência e o desejo por um relacionamento amoroso; 2) Anseio por experimentar novas emoções na vida: a resignificação da solidão com a possibilidade de conhecer novos lugares; 3) Repensando o sentido de família e redimensionando o papel de mãe: busca de autonomia feminina nas relações com o parceiro e criação de limites na experiência da maternidade; 4) Sentindo vontade de desenvolver novas habilidades e capacitar-se para um novo ofício: reflexões sobre a possibilidade de sentir-se útil e obter independência financeira e 5) Compartilhamento de experiências bem sucedidas no grupo como possibilidade de reflexão inter-subjetiva. O grupo apresentou-se com um bom recurso na expressão dos afetos em relação aos papéis tradicionais de gênero (feminino *versus* masculino) auxiliando na elaboração das demandas psíquicas e desenvolvimento de formas mais autênticas de ser mulher.

Considerações Finais: A pesquisa fornece subsídios para sensibilizar a escuta profissional ao acolhimento para um novo olhar sem estigmas da identidade da mulher que passa pelo câncer de mama. Oferece contribuições relevantes para ampliar o campo teórico-reflexivo da Psico-

¹ Psicóloga, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Bolsista CAPES. Avenida Bandeirantes, nº 3900, Monte Alegre, CEP 14040-901, telefone: (16) 3602 3645, e-mail: lilianjunqueira@usp.br

² Professora Associada, Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Apoio: CNPq. E-mail: bmeloni@fmrp.usp.br

³ Psicóloga, Pós-doutoranda do Departamento de Medicina Social, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Apoio: CNPq. E-mail: danibarsotti@usp.br

⁴ Professor Associado 3, Departamento de Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Apoio: CNPq. E-mail: masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



Oncologia, enriquecendo o conhecimento da área com os aportes teóricos do Existencialismo de Martin Heidegger.

Palavras-chave: neoplasias da mama, identidade, gênero, grupo de apoio.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ANÁLISE ESTABILOMÉTRICA DE MULHERES PÓS CIRURGIA ONCOLÓGICA MAMÁRIA

Graciele Guimarães Pitelli Aroca¹, Denise Hollanda Iunes², Clícia Valim Cortês Gradim³,
Leonardo César Carvalho⁴

Objetivo: Avaliar, por meio da estabilometria, o comportamento postural podal entre mulheres submetidas à cirurgia oncológica mamária, e mulheres que não passaram por este processo. **Método:** Foram coletados dados de dois grupos – Grupo 1: 27 voluntárias que passaram por cirurgia oncológica mamária (17 mastectomias, 10 conservadoras), pertencentes ao Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama (Mucama) da Universidade Federal de Alfenas, e Grupo 2 (controle): 27 voluntárias, que não passaram por processo oncológico mamário. Para a coleta dos dados foi utilizado um baropodômetro eletrônico computadorizado – *Foot Work*, que forneceu as medidas estabilométricas. As mulheres foram orientadas a permanecer em ortostatismo sobre a plataforma de pressão, com pés separados com distância de 7,5 cm, braços ao longo do corpo, olhos abertos e horizontalizados, durante 20 segundos. Foram mensurados os seguintes dados: Oscilações laterais - esquerda, direita e anteroposterior (cm); Oscilações corporais - lateral e anteroposterior (cm); Amplitude da oscilação corporal (cm) – Lateral (esquerda e direita), e Anteroposterior (ventral e dorsal) e Superfícies (cm²). Foi utilizado o teste Kruskal-Wallis, com nível de significância de 5%. **Resultados:** Houve diferenças significativas comparativamente entre os Grupos 1 e 2 somente da oscilação lateral – direita ($p=0,02$); e, oscilação corporal – lateral ($p=0,02$). **Conclusão:** Conclui-se mediante aos parâmetros da estabilometria, que o comportamento postural podal, pouco difere entre mulheres que foram submetidas à cirurgia mamária e mulheres que não passaram por este processo.

¹ Autora da pesquisa, discente do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas – Email: graci.pitelli@gmail.com

² Coordenadora de pesquisa e docente do curso de fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas;

³ Subcoordenadora da pesquisa e docente do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas

⁴ Colaborador e docente do curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA SOBREVIVÊNCIA EM MULHERES COM CÂNCER DE MAMA EM REMISSÃO HÁ MAIS DE CINCO ANOS

Janaína de Fátima Vidotti¹; Fabio Scorsolini-Comin²; Manoel Antônio dos Santos³

Introdução: O câncer de mama e os seus tratamentos exercem forte impacto sobre a vida das mulheres acometidas. A experiência implica, sobretudo, na necessidade de adaptar-se às novas condições de existência, que comumente se compreende na literatura como “sobrevida”. **Objetivo:** Compreender a experiência de ter sobrevivido ao câncer de mama a longo prazo, ou seja, cinco ou mais anos após a realização da cirurgia, principalmente em termos de mudanças, ganhos, rupturas e continuidades do viver, bem como examinar as repercussões psicológicas tardias advindas de tal experiência. **Método:** Trata-se de um estudo descritivo exploratório, de corte transversal e apoiado na metodologia qualitativa de pesquisa. Participaram nove mulheres que haviam sido submetidas à cirurgia de mama havia mais de cinco anos. Os instrumentos utilizados foram a Técnica da História de Vida e roteiro de entrevista semiestruturada. As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo temática. A análise dos dados foi realizada com base na literatura científica produzida na área. **Resultados:** Observaram-se a presença de algumas consequências físicas tardias resultantes da dissecação axilar, que consistem basicamente em dor e inchaço do braço, as quais acarretam limitações no cotidiano e prejuízos na funcionalidade, impedindo as mulheres de exercerem algumas atividades que mantinham antes da doença. Foi possível constatar impacto na autoimagem e dificuldades enfrentadas devido às alterações corporais resultantes da cirurgia. **Conclusão:** As sobreviventes ao câncer de mama continuam experimentando significativo sofrimento decorrente dos efeitos tardios da doença e de seus tratamentos em certos domínios de suas vidas, mesmo tendo decorridos anos do diagnóstico. As sequelas impactam tanto o âmbito físico quanto psicológico. Deve-se atentar para esses domínios que ainda se encontram prejudicados, para que se possa oferecer suporte psicossocial e médico contínuo às mulheres que se encontram nesta condição. (FAPESP)

¹ Universidade de São Paulo. E-mail: janavidotti@gmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro

³ Universidade de São Paulo

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



QUALIDADE DE VIDA E VIDA SEXUAL DE MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Laís de Andrade Martins Cordeiro¹; Denismar Alves Nogueira², Clícia Valim Côrtes
Gradim³

Introdução: O diagnóstico e a terapêutica da neoplasia mamária têm sido pontuados como fatores que interferem na sexualidade feminina; relacionadas às dimensões físicas e emocional¹. Neste sentido, evidencia-se a necessidade da avaliação da qualidade de vida (QV) das pacientes, a fim proporcionar resultados positivos dos mecanismos de prevenção e tratamento. **Objetivo:** Avaliar a associação da vida sexual e QV de mulheres com câncer de mama. **Método:** Recorte de uma dissertação, com abordagem transversal, analítica e quantitativa. Desenvolvido na UNACON de uma cidade do interior do sul de Minas Gerais. Utilizou-se o instrumento de avaliação de QV FACT B +4 em uma amostra de 72 mulheres com neoplasia mamária, selecionadas segundo os critérios de inclusão: submissão à cirurgia mamária para tratamento da doença; estar em quimioterapia ou em hormonioterapia; estadiamento 0, I, II ou III; orientada no tempo e espaço e, como critérios de exclusão: reconstrução mamária, estar em radioterapia, história de câncer em outro sítio anatômico, metástase à distância e recidiva. Usou-se o teste de Shapiro-Wilk para avaliação da normalidade dos dados. Aplicaram-se os testes t e de Mann-Whitney, sendo adotado o nível de significância de 5%. Estudo submetido Comitê de Ética e Pesquisa da UNIFAL-MG e aprovado sob o protocolo 208/2011. **Resultados:** Observou-se, em todos os domínios do FACT B+4 e para o FACT B Total, que mulheres que afirmaram não ter vida sexual ativa apresentaram menores médias de escores; sendo constatadas diferenças estatísticas nos domínios bem-estar social/familiar ($p=0,001$), bem-estar funcional ($p=0,005$) e para o FACT B Total ($p=0,013$). **Conclusões:** A ausência de vida sexual ativa influenciou negativamente na QV das entrevistadas. Maiores investigações acerca dos fatores que interferem na atividade sexual das mulheres frente aos aspectos desta doença devem ser investigados; a fim de atuar na prevenção de complicações relacionadas à sexualidade e ao bem-estar das pacientes.

Referência

¹ Mestra em Enfermagem pela UNIFAL-MG. E-mail: laandrademc@yahoo.com.br

² Professor Doutor do ICEx - UNIFAL-MG. E-mail: denisnog@yahoo.com.br

³ Doutora em Enfermagem. Professora Associada da Escola de Enfermagem - UNIFAL-MG. E-mail: cliciagradim@gmail.com

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



¹FERREIRA, S. M. A. et al. A Sexualidade da mulher com câncer de mama: análise da produção científica de enfermagem. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 22, n.3, p. 835-42, 2013.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE PÓS-MASTECTOMIZADAS ATENDIDAS EM AMBULATÓRIO DE MASTOLOGIA

Amanda Miranda Cruz¹; Natália Gondim de Almeida²; Ana Virgínia de Melo Fialho³; Ana Karina Bezerra Pinheiro⁴; Thereza Maria Magalhães Moreira⁵; Dafne Paiva Rodrigues⁶

Introdução: Atualmente, considera-se o câncer problema de saúde pública. Para 2014 calculam-se no Brasil, 57 mil novos casos de câncer de mama tipo mais frequente nas regiões sul (71 casos/100 mil), sudeste (71 casos/100 mil), centro-oeste (51 casos/100 mil) e nordeste (37 casos/100 mil). Ao todo, relacionam-se 19 tipos de câncer: 14 para a população masculina e 17 para população feminina. Idade é o principal fator de risco, o número de casos aumenta após os 50 anos. A ocorrência relaciona-se ao processo de urbanização da sociedade, com maior risco de adoecimento com elevado nível socioeconômico. **Objetivo:** Descrever o perfil sociodemográfico de mulheres pós-mastectomizadas em ambulatório de mastologia. **Método:** Pesquisa descritiva realizada no Ambulatório de Mastologia da Maternidade-Escola Assis Chateaubriand (MEAC), Fortaleza/CE. Participaram do estudo 21 mulheres, durante os meses de junho a setembro de 2013. Utilizou para coleta roteiro semiestruturado. O método de análise foi baseado na Análise Temática. O estudo é recorte do trabalho Qualidade de vida da mulher mastectomizada: espaço para o cuidado clínico de enfermagem, de parecer n.º 310.165 pelo comitê de ética e pesquisa da MEAC e 399.467 pelo Comitê de ética e pesquisa da Universidade Estadual do Ceará. **Resultados:** Infere-se que população é de mastectomizadas com idade superior a 28 anos, sendo maioria entre 61 e 73 anos (28%), casadas (60%), do interior do estado (52%), dona de casa (42%), ensino fundamental incompleto (42%), renda familiar entre dois a três salários mínimos (47%) e com oito a 10 dias de mastectomia (72%). **Considerações finais:** Os resultados configuram considerável relação da população de mulheres acima de 60 anos e impacto sócio-educativo no que concerne ao desenvolvimento do CA de mama. Medidas relacionadas a este fato necessitam de reformulações para colaborar com a promoção da saúde e prevenção da doença, voltadas especificadamente para condições socioeconômicas e educacionais.

¹ Enfermeira. Mestranda em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará. Email: amandamirand@hotmail.com

² Enfermeira. Mestre em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará.

³ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

⁴ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Enfermagem da Universidade Federal do Ceará

⁵ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

⁶ Enfermeira. Docente do Programa de Pós-Graduação de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde da Universidade Estadual do Ceará.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



APOIO PSICOLÓGICO AOS FAMILIARES E COMPANHEIROS DA MULHER COM NEOPLASIA MAMÁRIA: ANÁLISE DOS ESTUDOS BRASILEIROS

Elaine Campos Guijarro Rodrigues¹; Thais de Oliveira Gozzo²; Marislei Sanches Panobianco³; Ana Maria de Almeida⁴; Manoel Antônio dos Santos⁵

Introdução: O câncer de mama coloca a mulher acometida e seus familiares diante de uma longa e árdua jornada de tratamento, além de carregar o estigma de potencial letalidade. Essa situação crítica justifica a necessidade de apoio psicológico não apenas para a paciente, como também para aqueles que a circundam. **Objetivo:** O objetivo deste estudo foi investigar a produção científica nacional acerca do apoio psicológico oferecido aos familiares e companheiros da mulher acometida. **Método:** Empreendeu-se uma revisão integrativa da literatura. Foram selecionados artigos dos periódicos de Enfermagem e Psicologia indexados na base SciELO-Brasil, mediante o uso dos descritores: “breast cancer”, “breast neoplasms”, “neoplasias da mama”, “neoplasias mamárias” e “câncer de mama”, no período de 2003 a 2014. **Resultados:** Foram encontrados 57 artigos e, após aplicação dos critérios de inclusão/exclusão, foram analisados cinco artigos. Os resultados mostram que os familiares e companheiros percebem o câncer com todo seu estigma sociocultural, reagindo ao diagnóstico com surpresa, choque e temor de morte iminente; oferecem suporte à mulher acometida; valorizam a fé em Deus e/ou na ciência; e anseiam por acolhimento e esclarecimentos por parte dos profissionais de saúde. A rede familiar torna-se importante elemento de apoio social, cuja efetividade é fundamental na recuperação das pacientes. Para tanto, familiares e companheiros precisam estar fortalecidos emocionalmente, podendo necessitar de suporte psicológico durante esse momento de grave crise deflagrada pelo adoecimento. Contudo, discute-se que o apoio oferecido pela equipe de saúde aos familiares não é fornecido integralmente, sendo escassos os estudos nessa área. As estratégias de

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* elainerodrigues@usp.br

² Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* thaisog@eerp.usp.br

³ Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* marislei@eerp.usp.br

⁴ Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* amalmeid@eerp.usp.br

⁵ Psicólogo. Professor Associado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



intervenção do sistema de saúde são insuficientes para o acolhimento do sofrimento familiar.
Conclusão: Conclui-se que investigar a percepção dos familiares e companheiros pode contribuir para o aperfeiçoamento de ações de suporte das necessidades emocionais dessas pessoas durante o tratamento, o que torna seu apoio mais eficaz e condizente com as necessidades da mulher acometida.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



CÂNCER DE MAMA E GRUPOS DE APOIO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Carolina de Souza¹; Manoel Antônio dos Santos²

Introdução: Intervenções psicológicas, como aconselhamento, grupo de apoio e psicoterapia, podem auxiliar pacientes acometidas pelo câncer de mama a lidarem com as vicissitudes da doença e os efeitos colaterais do tratamento. A literatura evidencia que participar de grupos de apoio pode contribuir na reabilitação psicossocial, melhorando o enfrentamento das situações de estresse e angústia. O convívio com outras mulheres, que também precisaram retirar a mama, é elemento facilitador na aceitação de sua condição de mastectomizada e no entendimento dos problemas decorrentes, pois o período que sucede ao diagnóstico do câncer é particularmente difícil e desafiador. A mulher precisará de suporte social e familiar para lidar com as condições de readaptação e os problemas cotidianos.

Objetivo: Este estudo teve por objetivo investigar a percepção que as mulheres com câncer de mama têm dos grupos de apoio, por meio da análise da produção científica publicada no período de 2000 a 2013. **Método:** O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das bases indexadoras LILACS, PubMed, PsycINFO e CINAHL, mediante o uso dos descritores: “breast neoplasms”, “self-help groups”, “psychotherapy,group”, “neoplasias da mama”, “grupos de auto-ajuda” e “psicoterapia de grupo”. Foram selecionados 20 artigos, que constituíram o *corpus* do estudo. **Resultados:** Os achados foram agrupados por meio de análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que os grupos de apoio trazem benefícios de ordem psicológica, como redução do estresse, aumento da expectativa e qualidade de vida, melhora do humor e oportunidade de compartilhamento de informações sobre os diversos tratamentos antineoplásicos. Além disso, os estudos também mostram que, após as intervenções psicossociais, as mulheres apresentam melhora na intensidade dos sintomas relacionados ao estresse, contato com amigos e familiares. **Conclusão:** Os grupos ajudam a amenizar reações psicológicas adversas, como ansiedade e depressão, e expressões emocionais, como raiva e hostilidade, que podem advir após a comunicação do diagnóstico, cirurgia e demais tratamentos. (FAPESP)

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde – NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). Bolsista de Iniciação Científica da FAPESP, processo número 2013/22890-8. *E-mail:* carol.souza@hotmail.com

² Psicólogo. Professor Associado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



PERCEPÇÃO DA ENFERMAGEM NA ALOPECIA DA MULHER COM CÂNCER DE MAMA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Tamara Cristina Baitelo¹, Ana Paula Alonso Reis² e Clícia Valim Côrtes Gradim³

Introdução: o câncer de mama possui um bom prognóstico, quando diagnosticado e tratado precocemente. A quimioterapia é a modalidade terapêutica mais utilizada, pois aumenta a sobrevida e diminui chance de recidiva, porém resulta em vários efeitos colaterais, como alopecia, que pode diminuir a adesão ao tratamento. É nesse contexto que o cuidado de enfermagem é necessário e peça fundamental da atenção à saúde na abordagem de integralidade da doença. **Objetivo:** analisar nas bases de dados a atuação da enfermagem com relação à alopecia na mulher com câncer de mama. **Método:** revisão integrativa da literatura, na BVS; SCOPUS; CINAHL e PubMed. O referencial teórico utilizado foi a Prática Baseada em Evidência com a questão norteadora: “Qual a percepção da enfermagem sobre a mulher com alopecia no câncer de mama?”. Descritores em saúde: alopecia AND câncer de mama AND enfermagem. Critérios de inclusão: artigos que abordem a temática; indexados nas referidas bases; independentes do método de pesquisa; publicados em língua portuguesa, inglesa e espanhola; disponível na íntegra; artigos publicados nos últimos 10 anos. O levantamento bibliográfico ocorreu em julho 2013. **Resultados:** a amostra ficou composta por cinco artigos, são inúmeros os estudos sobre o tratamento quimioterápico do câncer de mama, que possui como efeito colateral a alopecia, porém quando a enfermagem se insere o tema fica cada vez mais escasso. Verifica-se que os artigos selecionados apresentam nível de evidência: 02 (40%) com 6; 02 (40%) com 5 e 01 (20%) com 4. Todos relatam que a enfermagem não valoriza o sentimento frente à alopecia das pacientes. Os profissionais de enfermagem estão focados na doença e na assistência frente à aplicação do quimioterápico. **Conclusão:** a atuação da enfermagem perante a mulher com alopecia no câncer de mama somente será efetiva quando estiver focada na integralidade do processo saúde e doença.

¹ Discente do curso de Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas – MG. Membro do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama. tamarabaitelo@hotmail.com

² Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós - Graduação em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG. Membro do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama.

³ Enfermeira. Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas – MG. Coordenadora do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



FADIGA EM MULHERES COM NEOPLASIA MAMÁRIA DURANTE QUIMIOTERAPIA: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

Raquel de Castro Figueiredo Pereira Coelho¹; Carila Galdino de Britto²; Renata Azevedo Schnepfer³; Sabrina Nunes Garcia⁴; Luciana Puchalski Kalinke⁵

Introdução: O câncer de mama é a principal causa de morte por neoplasias malignas em mulheres no Brasil e no mundo. Após o diagnóstico a mulher enfrenta uma variedade potencial de condições que afetam sua percepção, sentimentos e comportamentos, entre estes, estão os efeitos colaterais do tratamento quimioterápico, sendo a fadiga descrita em aproximadamente 40% dos pacientes no diagnóstico ou após o primeiro ciclo de quimioterapia. **Objetivo:** Destarte, o objetivo desta revisão sistemática foi conhecer os cuidados disponíveis para fadiga durante o tratamento quimioterápico. **Método:** O método utilizado foi revisão sistemática de literatura. Os critérios de inclusão para o presente estudo foram: artigos disponíveis na íntegra, nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados no período de 2003 a 2013. As palavras-chave que correspondem ao conteúdo são: “fadiga”, “quimioterapia” “enfermagem”, “enfermagem oncológica”, “câncer”, combinadas entre si, com busca nas seguintes bases de dados: *National Library of Medicine*; Literatura Latino-Americana do Caribe em Ciências da Saúde; *Scientific Electronic Library Online*; *Collaboration do Reino Unido*; *National Guideline Clearing House*. Foi utilizada também a busca manual, utilizando a literatura informal e o sistema de busca *Google*. A qualidade metodológica foi avaliada por meio da escala para classificação das evidências do *Oxford Centre for Evidence-Based Medicine*. **Resultados:** Nove estudos foram incluídos, a diretriz *Cancer-Related Fatigue do National Comprehensive Cancer Network* foi considerada padrão-ouro para o manejo deste sintoma. Como Resultados observou-se que medidas farmacológicas e não farmacológicas são reportadas na literatura para avaliar, monitorar, documentar e tratar a fadiga relacionada ao câncer. **Conclusão:** Conclui-se que as intervenções levantadas demonstram-se viáveis no processo de trabalho do Enfermeiro, uma vez que são de fácil compreensão, aplicáveis e de baixo custo.

¹ Enfermeira, Mestranda em Enfermagem pelo Programa de Pós Graduação em Enfermagem (PPGENF) pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Membro do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto (GEMSA). Enfermeira, Especialista em Enfermagem do Trabalho, do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Serviço externo Ambulatorial de Hematologia e Oncologia. E-mail: raque.gabi@gmail.com;

² Enfermeira, Residente pelo Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Cancerologia do Hospital Erasto Gaertner/Liga Paranaense de Combate ao Câncer – Membro do GEMSA;

³ Enfermeira, Mestranda em Enfermagem pelo Programa de PPGENF - UFPR. Membro do GEMSA. Enfermeira, Especialista em UTI, do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, Serviço de Transplante de Medula Óssea;

⁴ Enfermeira, Especialista em Enfermagem Oncológica, Mestranda pelo PPGENF - UFPR, Membro do GEMSA;

⁵ Enfermeira, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da UFPR – Membro do GEMSA.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



CONSEQUÊNCIAS DA MASTECTOMIA NA SEXUALIDADE DA MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Lorena Lima dos Santos¹; Tamires Salvador de Sena²; Ricardo Souza Evangelista Sant'Ana³; Tânia Christiane Ferreira Bispo⁴

Introdução: A mastectomia é um dos métodos mais utilizados no tratamento para o câncer de mama, entretanto este procedimento causa grande comprometimento na sexualidade da mulher. Não existe limite provocado pela cirurgia da retirada da mama na sexualidade da mulher, logo esta mulher só precisa aprender a lidar com o nível de mudanças que vão surgindo e que a obriga a adaptações difíceis, muitas vezes geradoras por angústia de uma vida sexual insatisfatória. Ressalta-se que a mulher mastectomizada não é um ser assexuado e o prazer pode ser vivido em sua totalidade. **Objetivo:** conhecer as repercussões da mastectomia na sexualidade da mulher. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, onde foram selecionados 25 artigos e utilizados 14 artigos, por estarem de acordo ao objetivo do estudo. Utilizou como critérios de inclusão: artigos originais publicados no período de 2003 a 2012, disponíveis na íntegra em língua portuguesa. A busca foi guiada com seguintes descritores: mastectomia; sexualidade; câncer de mama; enfermagem. A partir das análises dos artigos emergiram duas categorias: Repercussões da mastectomia na sexualidade da mulher e Atuação do Enfermeiro frente às mulheres mastectomizadas. **Resultados:** Pode-se evidenciar que, após a retirada da mama, o desempenho sexual da mulher geralmente torna-se comprometido, com redução da frequência, o medo da rejeição, a baixa autoestima e a vergonha do órgão mutilado, faz com que essas mulheres não tenham o mesmo nível de excitação, não obtendo dessa forma satisfação sexual. **Conclusão:** foi possível perceber que a mastectomia interfere diretamente na sexualidade feminina, principalmente por não ter-se o hábito de discutir sobre um assunto íntimo. Desta forma torna-se importante à atuação de profissionais para isto é preciso que os mesmos tenham habilidade e sensibilidade para lidar com esta mulher.

Palavras-chave: Mastectomia, Sexualidade, Enfermagem.

¹ Enfermeira. Graduada pelo Centro Universitário Jorge Amado – UniJorge.

² Enfermeira. Graduada pelo Centro Universitário Jorge Amado – UniJorge.

³ Enfermeiro assistencial da unidade de oncologia do Hospital Santo Antônio. Pós-graduando em oncologia. Membro da Sociedade Brasileira de Enfermagem Oncológica e do Grupo de Enfermagem em Oncologia e Hematologia da Bahia. Email: enf.rses@gmail.com.

⁴ Enfermeira. Doutora em Saúde Pública. Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE A REABILITAÇÃO DE MULHERES MASTECTOMIZADAS

Ricardo Souza E. Sant'Ana¹; Elielson Ferreira dos Santos²; Adriana Oliveira Bispo³; Ana Dulce Santana dos Santos⁴; Lisiane da Silva Santos⁵

Introdução: a mastectomia é uma das modalidades de tratamento para o câncer de mama, que consiste na cirurgia de retirada total ou parcial da mama, associada ou não à retirada dos gânglios linfáticos da axila e dos músculos peitorais. O pós-operatório requer alguns cuidados, principalmente com braço do mesmo lado da mama operada. A reabilitação facilita a reintegração do lado operado e previne-se de outras complicações comuns nas mulheres mastectomizadas, as mesmas necessitam serem assistidas por uma equipe multidisciplinar visando o tratamento integral. **Objetivo:** analisar a produção científica sobre a reabilitação de mulheres mastectomizadas. **Método:** trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa da literatura realizada nas bases de dados e Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), utilizando critérios de inclusão: artigo oriundo de pesquisa original, publicado a partir 2009, em língua portuguesa e disponível na integra. Critérios de exclusão; teses, dissertações e livros ou capítulos. A busca foi guiada a partir dos descritores; câncer de mama; mastectomia; reabilitação. **Resultados:** após a busca na base de dados da BVS foram localizados a partir dos critérios pré-estabelecido um total de 24 artigos após a leitura na integra dos manuscritos foram incluídos na pesquisa apenas 03 estudos. Percebeu-se que a reabilitação das mulheres mastectomizadas divide-se em pré-operatório: onde é realizada uma avaliação das mulheres mastectomizadas fim de traçar um possível prognóstico, e além de esclarecê-las sobre o procedimento cirúrgico que irá ser realizado. Pós-operatório: dá-se na recuperação da cintura escapular, do membro superior operado, além da prevenção de sequelas. **Conclusão:** a reabilitação desempenha um papel fundamental nesta etapa da vida da mulher com câncer de mama sendo capaz de proporcionar desde a recuperação funcional da cintura escapular e membros superiores até a prevenção das complicações como retração, aderência cicatricial, fibrose, linfedema, que dificultam as mesmas na realização das atividades da vida diária.

Palavras-chave: Câncer de mama; Reabilitação; Mastectomia.

¹ Pós-graduando em Enfermagem Oncológica. Enfermeiro assistencial da unidade de oncologia do Hospital Santo Antônio. Membro da Sociedade Brasileira de Enfermagem Oncológica e do Grupo de Enfermagem em Oncologia e Hematologia da Bahia. E-mail: enf.rses@gmail.com.

² Especialista em fisioterapia pediátrica e neonatal. Fisioterapeuta da Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital da Beneficência Portuguesa.

³ Especialista em Atenção Básica em Saúde. Graduada em Enfermagem pela Faculdade São Salvador. Membro do Grupo de Pesquisa do idoso da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

⁴ Mestre em Enfermagem. Docente da Graduação em Enfermagem das Universidades do Estado da Bahia, Católica do Salvador, Faculdade de Tecnologia e Ciência. E-mail: anadulcesantana@yahoo.com.br

⁵ Pós-graduanda em Terapia Intensiva. Graduada em Enfermagem pela Universidade Católica do Salvador – Ucsal.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



A CONCEPÇÃO PSICOSSOMÁTICA DA DOENÇA PELA ÓTICA DE SEU PRECURSOR

Leonardo Moura Freitas¹, Manoel Antônio dos Santos²

Introdução: Os conceitos de saúde e doença têm sido objeto de interesse científico ao longo da história da humanidade. O galenismo, aliado ao método cartesiano e às ideias de Pasteur, podem ser considerados as bases conceituais do que conhecemos, na era contemporânea, como o “modelo biomédico”. Apesar de informar a prática médica atual, o modelo biomédico deve ser considerado obsoleto face às evidências científicas mais recentes. Como alternativa a esse discurso, a Psicossomática é um campo do conhecimento que fornece um aparato teórico-conceitual de reconhecido valor heurístico para lidar com as questões que permeiam o percurso do adoecimento, uma vez que contempla a interface mente-corpo e a singularidade da experiência da doença. **Objetivo:** Este estudo tem como objetivo geral investigar a compreensão do processo saúde-doença presente em 30 textos da obra teórica de Georg W. Groddeck, considerado precursor da psicossomática, delineando as contribuições desse autor para a medicina e a psicanálise, nos âmbitos teórico e prático. **Método:** O presente estudo insere-se no campo dos trabalhos de natureza teórico-conceitual. A estratégia metodológica empregada consiste na tradicional forma de condução de pesquisas teóricas: trata-se da leitura de textos previamente demarcados do próprio autor, extraídos das principais obras concernentes ao tema a ser investigado, no caso, aquelas que se referem direta ou indiretamente ao processo saúde-doença. **Resultados:** Groddeck, no decorrer da elaboração de sua obra, descreve como os sintomas orgânicos podem representar uma tradução de processos psíquicos. Desse modo, constrói as bases para uma investigação psicanalítica das doenças, atribuindo importância fundamental à intencionalidade inconsciente na criação dos sintomas, além de identificar, nos sintomas, a expressão de uma linguagem corporal enigmática. Partindo dessas noções, o autor afirma que, para o cuidado do paciente, é necessária a investigação do significado oculto que determinada doença carrega na trajetória do indivíduo. Cabe ao profissional de saúde, junto ao doente, aliar-se às forças curativas do próprio indivíduo para encontrar formas mais salutares de expressão dos conflitos que adoecem o corpo e a alma. **Conclusão:** Dada a importância da obra seminal

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Bolsista de Mestrado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, processo número 2013/05286-0. Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). Ex-bolsista de Iniciação Científica da FAPESP, processo número 2010/08724-0. *E-mail:* leomf.hot@gmail.com

² Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). Membro da equipe multiprofissional do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



de Groddeck no cenário psicanalítico e da medicina moderna, conclui-se que é necessário dar voz a este autor original, cujas ideias arrojadas foram excluídas do panorama de conhecimento científico mundial. Sua obra oferece contribuições notáveis ao campo da saúde, que se encontra em pleno desenvolvimento tecnológico na atualidade, porém mostra seu lado frágil quando se trata de acolher e compreender o sofrimento humano. Acredita-se que o estudo sistematizado da obra groddeckiana tem a potencialidade de fornecer subsídios para fundamentar práticas de assistência em saúde que focalizem o ser humano como um ser holístico, de necessidades multidimensionais. (CNPq/FAPESP)

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



SEXUALIDADE FEMININA: UMA APROXIMAÇÃO AO UNIVERSO DA MULHER MASTECTOMIZADA

Elaine Campos Guijarro Rodrigues¹; Marislei Sanches Panobianco²; Thais de Oliveira Gozzo³; Leonardo Toshiaki Borges Yoshimochi⁴; Manoel Antônio dos Santos⁵

A experiência do câncer de mama impõe à mulher a necessidade de olhar para si mesma e reconstruir sua imagem corporal, visto que a doença invade não somente o corpo, como também a mente da mulher acometida. Essa tarefa de reconstrução está relacionada à reorganização de sua subjetividade e da imagem corporal, o que se conecta, de alguma forma, a remanejamentos na sexualidade feminina. Com o objetivo de aprofundar a compreensão teórica desse processo de reorganização subjetiva, foi realizado um estudo teórico-reflexivo a partir da literatura disponível acerca dessa temática, buscando-se artigos publicados em periódicos indexados no âmbito nacional e internacional, no período entre 2003 e 2013. Foram selecionados 11 estudos. Os resultados apontam que a mastectomia repercute intensamente na sexualidade, eliciando sentimentos de perda de sensualidade, depreciação da feminilidade e diminuição do desejo sexual. Ademais, da cirurgia para remoção da massa tumoral deriva o temor de que a relação conjugal não sobreviva à ausência – não da mama física, mas do seio simbólico e metafórico, que torna mais delicada a tarefa de reconstrução, pois se trata de uma questão fundamentalmente intrapsíquica. Isso ocorre porque a concepção de corpo se entrelaça com a ideia dicotômica de feminino e masculino construída socialmente ao longo da história. Essa dualidade conta com o respaldo da cultura ocidental, que ecoa os discursos da tradição moral ocidental-cristã e das práticas médicas, no sentido de naturalizar o feminino como fonte de sexualidade atrelada à maternidade. Os estudos revelam que as dificuldades no campo sexual podem ser superadas mediante o exercício da comunicação aberta e ampla pelo casal, o que permite, com o tempo, consolidar o comportamento positivo e confiante para a retomada da vida sexual. Porém, se a

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* elainerodrigues@usp.br

² Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* marislei@eerp.usp.br

³ Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* thaisog@eerp.usp.br

⁴ Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* leoborges.psi@gmail.com

⁵ Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



comunicação estiver prejudicada antes do adoecimento, essa retomada se distancia. Discute-se que o apoio psicológico precisa abordar a sexualidade, fator intrinsecamente ligado à qualidade de vida emocional da mulher acometida. Conclui-se que o estudo da sexualidade feminina contribui para identificar as necessidades da paciente mastectomizada e melhorar as ações de suporte, tornando o apoio emocional mais efetivo para alcançar uma das mais delicadas (e por vezes das mais negligenciadas) demandas da mulher acometida pelo câncer de mama.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



O AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO DE MULHERES APÓS O CÂNCER DE MAMA

Elaine Campos Guijarro Rodrigues¹; Marislei Sanches Panobianco²; Thais de Oliveira Gozzo³; Leonardo Borges Yoshimochi⁴; Manoel Antônio dos Santos⁵

A ocorrência de uma doença crônica e grave, como o câncer de mama, pode acarretar uma ruptura biográfica. O profissional de saúde deve estar atento ao rompimento de crenças e concepções ligadas à identidade da mulher acometida. Os avanços médicos possibilitaram melhorias quanto à eficiência da detecção e tratamento do câncer mamário, tornando-o curável em muitos casos e aumentando o número de mulheres que superaram essa experiência desafiadora. Porém, a sobrevivência desafia a mulher a lidar com as transformações emocionais derivadas do processo de adoecimento, que interferem na qualidade de vida mesmo após a cura. A condição de sobrevivente exige da mulher uma readaptação psicológica permanente para que ela possa retomar sua vida com qualidade, em uma constante reconstituição de si mesma. Com o objetivo de aprofundar a compreensão teórica desse processo, foi realizado um estudo teórico-reflexivo a partir da literatura disponível acerca dessa temática. A partir de busca nas bases Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP e SciELO-Brasil, foram selecionados 10 estudos nacionais e internacionais, no período entre 2001 e 2012. Os estudos indicam que o termo sobrevivência não é unívoco, mas para o presente trabalho foi adotado como critério o período de cinco anos livre de sintomas após o tratamento. Os resultados apontam que o estado psicológico das sobreviventes é paradoxal, pois experimentam a possibilidade de continuidade da vida atrelada à incerteza quanto a um possível retorno da doença, o que suscita ambiguidade entre a felicidade por estar viva e a desconfiança em relação ao futuro. A reconstrução emocional está intimamente relacionada à retomada da vida cotidiana com qualidade e aproveitamento das oportunidades de crescimento psicológico embutidas na experiência de dor e sofrimento.

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, pesquisadora do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* elainerodrigues@usp.br

² Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* marislei@eerp.usp.br

³ Enfermeira. Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* thaisog@eerp.usp.br

⁴ Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* leonardoborges.psi@gmail.com

⁵ Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



Discute-se que o apoio psicológico precisa ser extensivo ao período de pós-tratamento e sobrevivência, para assegurar qualidade de vida e bem-estar emocional da mulher acometida. Conclui-se que o estudo sobre a sobrevivência é importante para identificar as necessidades emocionais da mulher acometida após o período de tratamento e melhorar as ações de suporte, promovendo maior eficácia ao apoio psicológico fornecido.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



ESTRESSE PSICOLÓGICO DA MULHER COM CÂNCER DE MAMA

Marina Coelho de Souza¹; Leonardo Toshiaki Borges Yoshimochi²; Marislei Sanches Panobianco³; Manoel Antônio dos Santos⁴

Desde a notícia do diagnóstico à reabilitação, a mulher com câncer de mama enfrenta uma série de sofrimentos oriundos tanto das condições físicas alteradas como das repercussões psicológicas que emergem neste período. Múltiplas exigências – solicitações internas e de seu meio social – se impõem ao longo do processo de recuperação. Essas exigências e o convívio com as limitações suscitadas pela condição atuam como fatores estressores em suas vidas, principalmente quando o horizonte imediato é lutar contra a própria finitude. Com a finalidade de aprofundar a compreensão sobre o estresse experimentado por mulheres com câncer de mama, foi realizado um estudo teórico-reflexivo a partir do exame da literatura recente. Foram incluídos artigos que abordavam o estresse e as repercussões psicológicas vivenciadas pela mulher desde o diagnóstico do câncer de mama até a reabilitação psicossocial. Os resultados apresentados evidenciaram que a perda da mama – e outras sequelas oriundas da neoplasia mamária e de seus tratamentos – são aspectos inerentes à sobrevivência dessas mulheres, suscitando sofrimento emocional e estresse. A sobrevivência é uma experiência que atesta sua vulnerabilidade, provocando muitas vezes a revisão da própria vida, de seus projetos, prioridades e valores, levando a mulher a refletir sobre seu papel nos relacionamentos estabelecidos no seu contexto familiar e social. Além disso, os estudos também mostram que as preocupações com o tratamento, o ônus econômico e a perspectiva de conviver com um corpo desfigurado pela mutilação da mama são eventos passíveis de gerar estresse, interferindo diretamente na identidade feminina. Em contrapartida, a possibilidade de se submeter à cirurgia conservadora e de realizar a reconstrução mamária são fatores protetores em relação ao estresse. Os estudos mostram que é imprescindível implementar propostas de atenção à saúde da mulher com câncer de mama, com intervenções profissionais capazes de minimizar o sofrimento emocional e diminuir o estresse enfrentado pelas mulheres durante o percurso do tratamento e da reabilitação.

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Estagiária do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). *E-mail:* marinacoelhodesouza@hotmail.com

² Psicólogo. Mestrando do Programa de Saúde Pública da Pós-graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* leoborges.psi@gmail.com

³ Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* marislei@ceerp.usp.br

⁴ Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



MASTECTOMIA E QUALIDADE DE VIDA: O QUE SABEMOS A RESPEITO?

Julia Correa Gomes¹, Leonardo Toshiaki Borges Yoshimochi², Marislei Sanches Panobianco³; Manoel Antônio dos Santos⁴

O câncer de mama é considerado uma das doenças mais temidas pelas mulheres. A intervenção cirúrgica e os demais tratamentos (quimioterapia, radioterapia e hormonioterapia) provocam mudanças significativas no cotidiano das mulheres mastectomizadas, mobilizando diferentes recursos de enfrentamentos para que elas possam manter uma boa qualidade de vida. Surge, inexoravelmente, a necessidade de se adaptarem à nova realidade, que impõem restrições e necessidade de reformulações em suas vidas. Para a preservação da qualidade de vida, a mulher busca aprimorar seus conhecimentos sobre o câncer mamário e seus tratamentos, indo em busca de recursos que as protejam e diminuam sua vulnerabilidade nesta longa caminhada. Com o objetivo de aprofundar a compreensão teórica sobre a qualidade de vida das mulheres acometidas pelo câncer de mama em processo de reabilitação, foi realizado um estudo teórico-reflexivo a partir de um exame da literatura que aborda a qualidade de vida no momento da reabilitação. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de busca eletrônica. Os resultados mostraram que, para almejar a melhora na qualidade de vida dessas mulheres, é preciso assisti-las de forma integral, por meio de intervenção multidisciplinar no manejo da reabilitação. As evidências disponíveis integram desde intervenções físicas, tais como os tipos de cirurgia indicados e a importância da prática de atividades físicas, até os cuidados psicológicos, principalmente os direcionados à compreensão das alterações da imagem corporal e da sexualidade. Além disso, os estudos também mostram que a manutenção de uma condição estética da mama afetada mais próxima da normalidade é determinante na qualidade de vida. Nessa direção, a possibilidade de reconstrução mamária logo após a cirurgia está associada a bons resultados quanto à melhora na qualidade de vida. Esses achados remetem à reflexão sobre a importância de

¹ Aluna do curso de graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Estagiária do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). Membro do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - LEPPS (FFCLRP-USP-CNPq). *E-mail:* julia.correa.gomes@hotmail.com

² Psicólogo. Mestrando do Programa de Pós-graduação em Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* leoborges.psi@gmail.com

³ Enfermeira. Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. *E-mail:* marislei@eerp.usp.br

⁴ Psicólogo. Professor Associado 3 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Psicologia, coordenador do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Psicologia da Saúde - NEPPS (FFCLRP-USP-CNPq) e membro do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Assistência na Reabilitação de Mastectomizadas - REMA (EERP-USP). *E-mail:* masantos@ffclrp.usp.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



investimentos nas cirurgias reconstrutivas, como também na melhor avaliação para decidir o tipo de cirurgia para retirada do nódulo mamário em cada caso, integrando as diferentes visões da equipe multiprofissional, de modo que se considere a satisfação da paciente como um importante critério na tomada de decisão. Esses cuidados podem assegurar um melhor manejo na reabilitação pós-cirúrgica.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



FOLHETOS SOBRE QUIMIOTERAPIA ANTINEOPLÁSICA: ANÁLISE DE NECESSIDADES PARA MULHERES COM CÂNCER DE MAMA

Nariman de Felício Bortucan Lenza¹, Luciana Scatralhe Buetto¹, André Aparecido da Silva Teles², Helena Megumi Sonobe³.

Introdução: Câncer é um problema de saúde pública, cuja mortalidade mundial é de mais de oito milhões a cada ano. No Brasil, a estimativa para 2014/2015 é de 576 mil casos novos, sendo que o câncer de mama feminina representará 57 mil casos. Um das terapêuticas para este tipo de câncer é a quimioterapia antineoplásica (QtA), que repercute na vida das mulheres e sua família. Há necessidade de assistência especializada, com implementação de ações eficientes, sendo que o folheto sobre QtA tem sido utilizado como uma das estratégias educativas para mulheres com câncer de mama. **Objetivo:** Analisar conteúdo e apresentação de folhetos sobre quimioterapia antineoplásica relacionados ao câncer de mama, disponibilizados gratuitamente por meio digital. **Método:** Estudo exploratório de seis folhetos, com avaliação da qualidade e quantidade do conteúdo, linguagem utilizada na elaboração destes, subsidiado pela revisão de literatura sobre elaboração de conteúdos para materiais educativos. **Resultados:** Verificados diferentes conteúdos: QtA e efeitos adversos gerais; alimentação; alterações sexuais, trabalho; atividade física; terapias alternativas; gravidez, sintomatologia para cuidados imediatos e benefício social por doença. Na elaboração deste material de apoio devem-se considerar as características do público alvo e as suas necessidades, com focalização de aspectos para o gerenciamento do cotidiano desta clientela. Não foi identificado conteúdo específico de QtA para câncer de mama. Recomenda-se atentar para quantidade de informações fornecidas, linguagem (clareza de informações, uso de figuras e esquemas), legibilidade (tamanho da fonte), além de dados de publicação (autoria, instituição e ano). **Conclusões:** Folhetos devem considerar as necessidades específicas de cada clientela, o que requer desenvolvimento de estudos sobre elaboração e produção de materiais educativos, com exemplificações de diferentes quimioterápicos utilizados para câncer de mama e seus efeitos adversos para desmitificar ideias culturais errôneas, assim como aspectos que auxiliem o suporte familiar para mulheres com câncer de mama em QtA.

¹ Enfermeira, Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação de Enfermagem Fundamental, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (EERP/USP).

² Enfermeiro, Integrante do “Grupo de Estudo da Reabilitação de Pacientes Cirúrgicos Oncológicos” da EERP-USP. E-mail: andreapdo80@hotmail.com

³ Enfermeira-Estomaterapeuta-TiSobest, Professor Doutor do Departamento de Enfermagem Geral e Especializada da EERP/USP.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



**IDENTIFICANDO CAMINHOS EM BUSCA DA CURA: UM OLHAR
SOB O ITINERÁRIO TERAPÊUTICO DE MULHERES COM
CÂNCER DE MAMA**

Michelle Ramalho Macedo¹; Anderson Reis de Sousa²; Álvaro Pereira³

Introdução: O câncer de mama é considerado a doença mais temida pelas mulheres, devido sua gravidade, evolução imprevisível e mutilação que muitas vezes impõe, sendo uma doença que demonstra dificuldades em seu manejo. O itinerário terapêutico é peça fundamental para o enfrentamento da doença e seus tratamentos, uma vez que os caminhos que o paciente percorre influenciam o processo saúde doença. **Objetivo:** Identificar o itinerário terapêutico de mulheres com câncer de mama. **Método:** Trata-se de uma revisão bibliográfica, por meio de levantamento retrospectivo de artigos publicados nos últimos dez anos. Indexados nas bases de dados Scielo e Lilacs, a partir dos descritores: neoplasias da mulher, itinerário terapêutico. Foram identificados 30 artigos e após análise resultaram um total de 20 artigos que atenderam aos objetivos. **Resultados:** A análise permitiu perceber que há um subsistema onde ocorrem os primeiros cuidados, o cuidado com a mente, com o espírito, e com o corpo, sendo que ele é dividido em automedicação, remédio caseiro, suporte emocional, prática religiosa, compondo o itinerário terapêutico da mulher que passa a conviver com o câncer, e que decide como irá cuidar ou ir a busca da cura. Percebendo a importância de um olhar à mulher na sua integralidade, uma vez que as alterações promovidas pelo câncer de mama parece além do aspecto físico, modifica sua sexualidade, auto-imagem, sua maneira de perceber-se no mundo gerando ainda adaptações e conflitos. Assim estes comportamentos e rituais devem ser incorporados ao plano de cuidados de Enfermagem. **Conclusão:** É importante reconhecer que há um contexto abrangente que envolve principalmente os elementos sociais, culturais, simbólicos religiosos das pessoas, e que precisam ser vistos

¹ Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Nobre de Feira de Santana. michellemacedo@hortmail.com.

² Mestrando em Enfermagem pela UFBA. Feira de Santana - Bahia. Email: son.reis@hotmail.com.

³ Docente do Departamento de Enfermagem Medicocirúrgica. Escola de Enfermagem da UFBA. alvaro_pereira_ba@yahoo.com.br

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



HOMENS E CÂNCER DE MAMA: É PRECISO REDUZIR A INVISIBILIDADE

Anderson Reis de Sousa¹; Álvaro Pereira² Michelle Macedo³

Introdução: O câncer de mama é mais comum entre as mulheres em torno dos 35 anos, em homens a doença é rara, representando cerca de 1% entre os tumores malignos que comprometem o homem, onde sua incidência aumenta com a idade. A proporção é de que a cada 150 mulheres diagnosticadas com câncer de mama haja um caso no gênero masculino.

Objetivo: Refletir teoricamente e estimular os leitores pensar sobre o câncer de mama em homens como forma de trabalhar melhor a questão entre os profissionais da atenção primária à saúde. **Método:** Trata-se de uma reflexão teórica como forma de estimular e sensibilizar profissionais e estudantes de saúde a fim de propagar estratégias de propagação das medidas de prevenção e tratamento do câncer de mama masculino. **Resultados:** O câncer de mama entre os homens é raro, mas podem acontecer afinal eles tem tecido mamário, que podem ser diagnosticados precocemente, através de medidas simples como o exame do toque das mamas e no rastreamento dos sintomas como a presença de caroços na região do tórax, retração da pele e alterações do mamilo. Esta pesquisa deve ser incluída para além das campanhas pontuais que são desenvolvidas, mas como uma forma de incorporação permanente nas ações e programas desenvolvidos na atenção primária à saúde, ambulatorios e centros especializados, como forma de publicizar e informar estes homens a existência da doença, bem como as medidas de promoção da saúde, autocuidado e prevenção, buscando atuar sobre a perspectiva relacional de gênero, para que sejam superados os modelos de masculinidade hegemônica. **Considerações Finais:** Buscar estratégias que promovam mudanças no comportamento masculino com sua saúde, além da sensibilização dos profissionais de saúde para a propagação da doença e suas medidas preventivas, será a saída encontrada para minimizar os índices da doença e tornar precoce o seu diagnóstico.

Palavras-chave: Enfermagem. Neoplasias do Homem. Serviços Básicos de Saúde.

¹Mestrando em Enfermagem pela UFBA. Feira de Santana - Bahia. Email: son.reis@hotmail.com. .

² Docente do Departamento de Enfermagem Medicocirúrgica. Escola de Enfermagem da UFBA. alvaro_pereira_ba@yahoo.com.br

³ Graduanda de Enfermagem pela Faculdade Nobre de Feira de Santana. michellemacedo@hotmail.com

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



GRUPO DE APOIO NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM À MULHER COM CÂNCER DE MAMA

Haze Maria Carolina Risolia e Mendonça¹; Tamara Cristina Baitelo²; Larissa Vieira²;
Nathália Berdu³; Denise Holanda Iunes⁴; Clícia Valim Côrtes Gradim⁵

Introdução: O diagnóstico de câncer de mama causa um grande impacto sobre a mulher, pois esta terá que se submeter à um longo tratamento, além da possibilidade da perda parcial ou total de um órgão representativo da feminilidade. Segundo estimativas divulgadas pelo Ministério da Saúde, esta é a segunda doença mais frequente que acomete as mulheres. A partir desses dados, a Escola de Enfermagem observou a necessidade da criação de um grupo de apoio em uma cidade do sudeste de Minas Gerais, para oferecer uma assistência integral às pacientes da região. **Objetivo:** relatar a implantação e as atividades de um grupo de apoio à mulher com câncer de mama. **Método:** relato de experiência sobre um grupo de apoio a mulheres que tiveram o diagnóstico de câncer de mama pelo Curso da Escola de Enfermagem na Universidade Federal de Alfenas-MG. **Resultado:** o projeto denominado Mulher e Câncer de Mama – MUCAMA foi proposto em 2006 pela Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas/MG. Em 2009 com a implantação do Curso de Fisioterapia, este veio integrar ao mesmo, sendo também um campo de ensino para o curso. O projeto cria um espaço para que as mulheres diagnosticadas com câncer de mama tenham um apoio para passar pelo tratamento com melhor qualidade de vida e se reinserir às suas atividades de vida diária durante e após essa fase. **Conclusão:** a fim de agregar a construção do conhecimento ao bem estar da população e permitir ao acadêmico cumprir papéis sociais, o grupo de apoio propõe atividades e discussões direcionadas às mulheres com câncer de mama, permitindo-as passar pelo processo da doença de forma positiva, com atividades de promoção de saúde, prevenção e recuperação, alertando a importância do rastreamento do câncer de mama.

¹ Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG. Membros do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama. haze_risolia@hotmail.com

² Discente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG. Membros do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama.

³ Discente do Curso de Fisioterapia da Universidade federal de Alfenas-MG. Membros do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama.

⁴ Fisioterapeuta. Professora Adjunta do Curso de Fisioterapia da Universidade Federal de Alfenas-MG. Vice-coordenadora do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama.

⁵ Enfermeira. Professora Associada da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas-MG. Coordenadora do Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão Mulher e Câncer de Mama.

I Simpósio de Câncer de Mama
V Jornada de Câncer de Mama da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP
Ribeirão Preto, 29 a 31 de maio de 2014



MÁS NOTÍCIAS NA PRIMEIRA SESSÃO DE QUIMIOTERAPIA PARA O CÂNCER DE MAMA

Felipe de Souza Areco¹, Natália Gallo Mendes Ferracioli², Marislei Sanches Panobianco³

Introdução: As dificuldades e impedimentos tornam-se evidentes quando uma equipe deve comunicar más notícias a seus pacientes e/ou familiares. Comunicar más notícias é, provavelmente, uma das tarefas mais difíceis que os profissionais de saúde têm de enfrentar, pois implica em um forte impacto psicológico do paciente e sua rede de apoio - quem recebe uma má notícia dificilmente esquece onde, como e quando ela foi comunicada (Almanza-Muños & Holland, 1999). Essa tarefa torna-se ainda mais difícil quando a pessoa que deve receber a notícia está passando por outra situação difícil, como realizar quimioterapia para tratamento de câncer. **Objetivos:** Relatar como três pacientes com câncer de mama receberam uma má notícia durante a sua primeira sessão de quimioterapia (falecimento de um dos filhos; acidente automobilístico de um irmão e perda de um ente querido que estava hospitalizado no mesmo hospital em que ela realizava a quimioterapia naquela ocasião), acompanhadas por atendimento psicológico e de enfermagem. **Método:** Relato de experiência. **Resultados:** Após a avaliação da enfermeira e em discussão com o psicólogo responsável que atendeu as pacientes, foi evidenciada a importância de se dar a notícia após o término da sessão, pois todos os preparos necessários para a realização de uma quimioterapia já estavam contemplados e as mulheres já haviam sofrido um desgaste emocional pelo fato de terem de iniciar um tratamento agressivo como a quimioterapia, para uma doença estigmatizante como o câncer. **Considerações Finais:** O acompanhamento psicológico se fez fundamental neste momento, pois as pacientes puderam se familiarizar com a má notícia, podendo entrar em processo de elaboração e compreensão daquele fator estressor vivido, mesmo passando pelo tratamento quimioterápico para o câncer de mama, concomitantemente.

1 Psicólogo, Mestrando em Saúde Pública pela EERP-USP. E-mail: felipearecopsicologo@gmail.com

2 Psicóloga, Especialista em Saúde Mental

3 Professora Associada do Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP